

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE TRISTEZA E DE ALEGRIA NA PRAIA DA NAZARÉ

*Orlando Caetano **

DESCRIÇÃO

Elementos colhidos "in loco" em entrevistas concedidas pelos nazarenos João Estrelinha, Raimundo Lobo e Maria F. Murraças, no ano de 1980.

Manifestações de Tristeza

Tristeza do Naufrágio — Antigamente arriscava-se muito quando o mar estava bravo. Quando as embarcações estavam prestes a encalhar, a praia enchia-se de gente. As mulheres gritavam muito. Voltadas para a N. Senhora da Nazaré pediam, rezavam para que os barcos pudessem encalhar bem.

Há uns anos para cá é mais raro haver naufrágios. Há ordens da capitania: quando o mar está perigoso não se pode sair. Mas antigamente os rais e mestres das embarcações eram pescadores ousados e as companhias não podiam negar-se mesmo quando sabiam que o mais provável era morrerem no mar. Combatiam esse mar embravecido. E depois... desastres, luto. ⁽¹⁾

O reconhecimento do morto que dá à costa — Por vezes os barcos despedaçavam-se contra a pedra de Guelhim, rocha grande, por baixo do forte. Há pescadores que morrem ali e vão dar à costa em Peniche.

Quando o mar despe o corpo do náufrago e ele dá à costa, a primeira coisa que se faz é tapar-lhe as "vergonhas", vesti-lo, comprar um caixão, tratar do enterro.

Quando os corpos dão à costa descarnados e irreconhecíveis, eles mesmos "se têm que identificar". O cadáver identifica-se, quando aparece alguém da

* Licenciado em Psicologia. Assistente da Escola Superior de Educação de Leiria

(1) Estes dados reportam-se a 1980, antes da conclusão do porto de abrigo.

sua família, vertendo sangue. Esta a crença do povo, que ainda se mantém. Aparecendo um corpo nessas condições, ele é mantido à vista. Comparece muita gente, especialmente pessoas que perderam familiares em naufrágio. E quando se aproxima a família do morto este sangra. O sangue é tido como sinal de identificação. E a família leva-o.

O corpo não é levantado antes de ele se dar a conhecer, manifestando por esse sinal a que família pertence. Podem aproximar-se centenas e até milhares de pessoas e o cadáver só sangra quando chega a família dele.

Os velhos têm contado sempre isto como verdade. *"Esta crença pode ser apenas uma superstição mas ao longo de muitos anos sempre tem sido afirmada como verdadeira"*.

Luto — Quando morriam mulheres, os viúvos usavam varinos ou gabões com capuz ⁽²⁾. Andavam embuçados como sinal de luto.

Se era homem que morria, a viúva andava toda embuçada numa capa, não se vendo a cara. Uma capa, um chapéu, toda de preto. As saias eram compridas, exageradas, chinelas pretas, meias pretas, toda de preto, uma mancha escura. O rosto completamente escondido. Só os olhos à mostra. O luto demorava pelo menos dois anos, quando se tratava de familiar chegado. Mas as viúvas que se prezavam não voltavam a casar. Se o faziam eram *"murmuradas"*. As mulheres a quem morria o marido punham cortinas escuras nas janelas. Agora já não se faz isso. Também já não há funerais com música.

Antigamente não havia funeral que não levasse banda de música. Era muito triste e chocante. Mas a Câmara lançou uma licença muito elevada para as pessoas deixarem de levar música nos funerais. E já há bastantes anos que a deixaram de levar.

As pessoas de família mais chegada, e amigos íntimos, costumavam pernoitar junto do defunto. Outras pessoas iam dar os sentimentos e as mulheres levavam sempre uma flor e assim cobriam o corpo com essas flores. Quem tratava do funeral (a agência) já levava uma caixa com flores e cada pessoa já sabia que tinha de pagar uma certa importância por cada flor. Em troca da flor deixava o dinheiro. Essa flor era posta em cima do cadáver. À flor chamava-se **saudade**. Ainda hoje se usa isto. Mas só as mulheres. Elas é que põem flores. No caso de morte de pessoas ainda jovens, em vez de flores colocam amêndoas.

Manifestações de Alegria

Sete manifestações colectivas de alegria se destacam, ao longo do ano:

(2) Gabão: castanho, vestimenta de pano de retalho, mais usado como traje de trabalho. Varino: feito do brinche, cor preta, para pessoas com mais possibilidades económicas. O varino era traje de cerimónia. Nos funerais viam-se mais varinos. Quando apareciam gabões, eram de pessoas que não tinham posses para comprar varinos.

Telhas para S. Brás — No dia de S. Brás as pessoas deslocavam-se à capela do dito santo, num monte a caminho do Valado, além da Pederneira. As pessoas faziam uma promessa antes, de roubar uma ou mais telhas para oferecer a S. Brás, no seu dia, 3 de Fevereiro. Telhas de barro conforme a tradição. S. Brás aceitava estas telhas roubadas. O padre dizia missa e, de tarde, na baixa, junto ao cruzamento da estrada, juntava-se muita gente. Famílias ali se reuniam. Era tradição levarem chouriço para assar. Viam-se muitas fogueiras no pinhal. A guarda não interrompia. Respeitava a tradição. Só no final é que a guarda vigiava, inspecionando bem, com cautela, para evitar algum incêndio.

Enfim, um grande convívio, comendo uns com os outros, uns sardinhas, outros chouriço. De manhã as telhas... e à tarde o chouriço e as sardinhas.

A quantidade de telhas oferecidas dependia da promessa feita ao santo. Essas telhas eram deixadas na capela para substituir alguma que se partisse, no templo.

Esta festa ainda continua a fazer-se.

Antes do Carnaval e durante o Carnaval — Desde o S. Brás até ao Carnaval, nas tabernas onde se reuniam os pescadores (antigamente os pescadores não entravam nos cafés por uma questão de separação de classes) formavam-se bailes. As tabernas eram ornamentadas e depois, em todos os serões, havia bailes. Chegando-se ao Domingo Gordo, havia a tradição da **marcha infernal**. Formavam-se ranchos. Cada taberna tinha o seu grupo. Estes grupos saíam para a rua, de madrugada, e as pessoas eram acordadas com o barulho que faziam (barulho "*infernal*"). Era uma marcha muito alegre. Hoje isto tem diminuído e tende a acabar. "*Morrem os velhos e as tradições vão-se acabando*".

No Carnaval há os divertimentos normais: ranchos carnavalescos preparados com um a dois meses de antecedência. Todas as famílias se esforçam para arranjar os trajes para os seus filhos. Roupas muito boas. Hoje, no entanto, está um pouco modificado. Antigamente havia cegadas que se exibiam pela vila, durante o dia. Hoje as cegadas só se exibem de noite, nos bailes.

Convívio de princípio de época — De Janeiro até 30 de Março, as empresas matriculavam as suas companhas. Após a matrícula (contrato), os armadores costumavam fazer um convívio com as suas companhas. "*Corriam as igrejas todas. Diziam: para visitar os santinhos. No dia de cumprirem essa promessa, o armador oferecia um gesto (almoço ou jantar) à sua companha, em que se comia e bebia até faltar*".

Jogo da "Pélia" — Desde a Quinta-feira Santa até Domingo de Páscoa, a gente moça, principalmente as raparigas mas também alguns rapazes, fazem

o jogo da "pélia". Põem na rua um caixote (caixote a que chamam banca). Umas ficam dum lado e outras doutro. Umas atiram a pélia para o lado das outras. (Pélia: bolazinha de borracha). Lançam a bola até ser apanhada à mão. Cada vez que apanham a bola ganham um tento. Vão contando os tentos até 31. Ganha o jogo o grupo que primeiro atingir os 31.

Este jogo faz-se quase por todas as ruas. É uma tradição. Apesar de serem dias "*tristes*" (Semana da Paixão) a gente nova diverte-se assim. É um divertimento, porque são dias em que não se trabalha.

Na Quinta-feira da Ascensão — Nesse dia ninguém trabalha no mar. E se algum pescador trabalhar isso é considerado um "*pecado*". Nesse dia os pescadores da arte chávêga (3) tinham o costume de reunir as suas companhias e depois de darem a volta às igrejas todas, a "*visitar os santinhos*", comiam um pão grande, quente, com manteiga e vinho branco.

Dia de Festa: vestia-se bem, trajo regional (masculino: cinta e barrete, camisola de caxemira e calça; feminino: saia, blusa bordada, avental). Alguns rapazes tocavam sanfona e gaita de beijos e, em vários pontos da terra, seus cantos e seus largos, formavam-se bailes e dançava-se.

Festa da Foz — Nos dias de S. Pedro e S. João fazia-se uma festa na foz do rio Alcoa. Agora tudo isso acabou. As pessoas iam para lá com os seus farnéis e havia grandes convívios. Os barcos pequenos eram enfeitados com bandeiras e quem "*embarqueava*" ia a cantar e a bater as palmas. Eram principalmente rapazes e raparigas quem andava nos barcos. Havia vários rapazes que tocavam harmónica ou concertina, e formavam bailes tanto na margem Norte como Sul do rio. Comiam os farnéis à beira do rio, e assim lá passavam este dia, até ao pôr do sol. Um dia divertido.

Digressão ao Bom Jesus do Carvalho — No dia de S. Pedro havia outra tradição: muitas pessoas iam ao Bom Jesus do Carvalho, próximo do Bombarral. Iam de véspera. Já na estação do Caminho de Ferro, antes da partida, formavam baile. Vinha o comboio e, desde o Valado ou de Cela (estações) iam dançando dentro do comboio até ao Bombarral. E do Bombarral iam pelo atalho até ao Bom Jesus do Carvalho que é no monte. Lá passavam a tarde e passavam a noite toda dançando... Havia em frente da igreja uma casinha onde o "*peçoal*" ficava, os visitantes.

Assim se passava o dia de S. Pedro (29 de Junho) prolongando-se pela noite fora, sempre dançando e divertindo-se. No dia seguinte regressava-se a casa, depois do almoço.

(3) Pesca de arrasto (lançar as redes ao mar e arrastá-las em terra). A rede era, geralmente, puxada por bois. Arte Chávêga Pequena: com rede pequena (chamada neta), para trabalhar de noite, mais próximo da costa. Arte Chávêga Grande: com rede grande.

REFLEXÃO

O povo da Nazaré é gente que luta com o mar. O mar é o "Senhor" que permite a sobrevivência (o povo vive da pesca), mas é também o mesmo mar que traiçoeiramente rouba a vida dos seus filhos. Registam-se muitos naufrágios: a morte mais dramática porque é a de quem vai à procura do pão. Vai por amor à família, vai como trabalhador. Estes valores, trabalho e sustento da família, são enaltecidos pelo preito de saudade quando alguém morre no mar, sendo por ele arrebatado.

A morte em naufrágio é cruel por ocorrer em condições trágicas, levando geralmente vários homens em plena labuta pela sobrevivência. São as mulheres, sobretudo as viúvas e as mães, quem copiosamente chora e pranteia em gritos estridentes, e outras manifestações de dor, a morte dos seus queridos.

Mas maior é o desgosto de quem perde familiares em naufrágio e eles não dão à costa. Ao aparecer um cadáver descarnado, sabe-se que tem família. Não ficará por enterrar. Mas quem é a família dele? A necessidade de encontrar resposta para esta incerteza e para que o cadáver não seja enterrado sem se saber quem é, levou o povo a produzir uma tradição segundo a qual o próprio cadáver se daria a conhecer quando aparecesse a sua família. Ora, como quem vai ver o cadáver são sobretudo familiares de náufragos desaparecidos, ao sangrar o cadáver diz-se ser pertença (seja ou não) da família que se aproxima dele. Assim se resolve o problema do sepultamento do corpo em situação de identificado, e também se dá uma certa resposta a uma família enlutada, pela "*consolação*" de ter recebido a mensagem do sangue, como um sinal, uma comunicação para além da morte, em que o cadáver diz: "sou vosso", "sou o vosso filho" (ou marido, etc.), "pertenco-vos". E assim se passa do vazio da perda total dum desaparecido para a dor mitigada de quem encontra o corpo daquele que perderam mas que já depois da morte lhes falou. E encontrando-o, o acarinham com lágrimas, com exclamações de pesar, com ritos fúnebres, com sepultamento condigno.

Para contrabalançar esta situação, para compensar uma gente que tanto luta e tanto sofre (vida difícil e morte por vezes tão dramática) e sempre sob o domínio do mar — força "*quase divina*" que dando o pão dá a vida mas que também a arrebatava quando, enfurecido, engole os batéis com os seus tripulantes, para compensar um povo que tanto luta e tanto sofre, há um calendário de festividades típicas, celebradas ao longo de todo o ano, excepto nos meses de Verão, meses em que o mar também está calmo e a afluência de banhistas torna já por si festiva esta vila e a sua população.

Nas festas da Nazaré alia-se o profano ao místico. É a telha roubada que se oferece ao santo para obter o seu beneplácito, e logo a seguir a festança,

a boa merenda de chouriça assada e as danças. Comer, brincar e agradar aos "santos protectores", são constantes nas manifestações de vida e de alegria nesta terra.

É a necessidade de descomprimir, de aliviar a carga, de esquecer as penas e revezes. Mesmo na "Semana Santa", para amenizar as tonalidades negras, lúgubres e causticantes da "morte do Senhor", a juventude (na pujança da vida!!!) afronta o "sagrado" da quadra litúrgica com os seus jogos risinhos da pélia. Como que a dizer : — *"Não vale chorar pelo Cristo morto! Vamos é aproveitar para expressões de vida, para a busca de momentos de prazer. Bem basta quando morre algum dos nossos. Sim, porque então é que é a nossa verdadeira Sexta-feira Santa! O nosso filho, o nosso homem, ou o nosso irmão, esse sim, é então o Cristo que o mar sacrifica e por vezes crucifica. Os nossos mortos dão a sua vida por nós. Em holocausto! Sim, bem basta a tristeza do nosso Calvário de cada dia de trabalho, de labuta, de sofrimento... Temos direito à dispensa da Sexta-feira Santa. De toda a Semana Santa! Porque dessas temos nós muitas semanas em cada ano. Semanas de luto, de morte real. Para quê celebrar ritualmente aquilo que se está a experimentar no quotidiano?"*

É de salientar o facto de que há certas festas que já se não fazem e outras estão em vias de se extinguir. E isto paralelamente ao facto de ter também havido uma diminuição do luto em condições pungentes, sentidas profundamente por toda a comunidade, como as do naufrágio, visto que, por certas medidas administrativas (tomadas pela Capitania) também os naufrágios são cada vez mais raros. Assim, as manifestações efusivas e colectivas de sofrimento pela morte decrescem e, ao mesmo tempo, também decrescem as manifestações efusivas de alegria, de divertimento e de busca de protecção em cerimoniais mágico-religiosos.